
**ALMEIDA GARRETT E O SEU *BOSQUEJO DA HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUESA*:
UM EXERCÍCIO DE CRÍTICA LITERÁRIA**

*Hiudéa Tempesta Rodrigues BOBERG*¹

RESUMO: O artigo procura contextualizar a postura crítica assumida por Almeida Garrett, uma faceta pouco conhecida do escritor, e que se revela pioneira num período de formação de conceitos críticos na literatura portuguesa do século XIX. Aborda também o *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* na perspectiva de um exercício de crítica literária, destacando a aplicação dos critérios de “nacionalidade” e de “arte documental” cunhados pelo romancista português.

UNITERMOS: Almeida Garrett; crítica literária; literatura portuguesa.

A par de sua obra variada, João Batista Leitão de Almeida Garrett também desenvolveu um percurso curioso enquanto crítico literário, mesmo que de forma fragmentária, em *O Popular* (1824–1826), *O Cronista* (1827) e no *Panorama* (1837–1868), entre tantos outros jornais e revistas de sua época.

Ofélia Paiva Monteiro, em sua tese de doutoramento intitulada *A formação de Almeida Garrett – experiência e criação* (Monteiro, 1971), fornece a síntese da postura crítica assumida pelo escritor, ao afirmar que “o romantismo de Garrett comportava de fato a apreciação estética da arte antiga.” (p. 402). Este é o resultado de um longo percurso desenvolvido pelo romancista, desde a idade juvenil, ao transitar de uma formação tida como “iluminista” para os ideais espiritualistas característicos do período que antecederia a “Regeneração” portuguesa.

Assim, vamos encontrar em sua obra, e inclusive em apontamentos críticos, a aplicação da estética que abraçou, a princípio

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Jacarezinho — PR.

movido por uma ideologia militante, calcado no racionalismo e no hedonismo de cunho iluminista, para, mais tarde, desembocar num “sentimentalismo”, mas sem excessos, polido e elegante. Nesta altura, passa a compreender que a “intensidade emocional” é responsável pela força desencadeadora da criação poética e, conseqüentemente, pela fruição prazerosa da obra artística. Manteve-se, portanto, contemporâneo à progressiva tendência da crítica europeia, abandonando, pouco a pouco, a análise de regras e normas estéticas condicionadoras, sem contudo perder a lucidez, em virtude do seu idealismo ou do seu sentimentalismo revolucionário. Este equilíbrio, que lhe é peculiar, repercutiu tanto na sua expressão estilística quanto na sua crítica literária.

1. O aperfeiçoamento da postura crítica.

Numa rápida abordagem, resgatemos parte desse percurso empreendido pelo iniciador do Romantismo em Portugal.

A concepção de teoria da literatura defendida por um jovem Garret que se inicia na prática estética ou crítica é difundida através de duas perspectivas fundamentais: a de “compreender” e a de “apreciar” a obra literária, resultando num método crítico considerado pioneiro entre os portugueses. A “compreensão” estaria vinculada à conexão que estabeleceu entre a criação estética e o tempo e o espaço de onde ela resultou, ou seja, a “historicidade do autor”. O ato da “apreciação”, por sua vez, não apenas decorreria das observações pertinentes ao âmbito de uma historicidade, mas também consideraria a obra em si mesma, a sua concepção orgânica e a modulação por que se apresenta. Tal “método interpretativo” se fez presente em suas incursões sobre a pintura, o teatro e outros textos representativos de sua prosa da época, demonstrando que havia um projeto, realmente, de crítica literária a ser desenvolvido.

Em seus exercícios críticos, Garrett chega à conclusão de que a poesia moderna apresenta um caráter absolutamente novo, que se revela não apenas na busca da harmonia das formas, conjugada à expressão da perspectiva histórica da época, mas principalmete, na manifestação da “nacionalidade”. Assim, ao seu ver, a literatura própria de um meio geográfico e de um tempo histórico, carregando em si a tradição de um povo, só poderia significar a índole nacional.

Contudo, as concepções de “historicismo” e conseqüentemente de “nacionalismo” correspondiam, para Garrett, à visão renovada da “mimese” clássica. Se a arte tradicionalmente fora compreendida como imitação da natureza, nos tempos modernos ela deveria expressar, segundo Garrett, a moderna visão de mundo, respeitando-se, porém, as “conveniências” dessa expressão, traduzidas nas conformações do estilo às características de cada povo. Como se vê, Garrett mantém-se, até então, fiel ao culto da “bela natureza” das normas clássicas, considerando, antes de qualquer coisa, a manifestação do caráter universal da arte.

Esta conjuntura passa a sofrer sutis modificações a partir do momento em que Almeida Garrett, atento à concepção de que a arte deveria ter uma finalidade pragmática, começou por observar as reações emotivas do público, ponderando, desde então, a importância que deveria dar ao culto do sentimento e às questões do gosto em literatura.

As suas preocupações liberais e as leituras de Diderot, Mme. de Staël, Richardson, Chateaubriand e mesmo de Filinto Elíseo, levaram-no a empenhar-se na questão da nacionalização da literatura, chegando a propor que, ao lado da construção “casta” da frase portuguesa, deveria haver lugar para a língua coloquial e expressiva do mundo cotidiano e moderno.

Durante o longo período de exílio na Inglaterra e França, entre 1823 e 1840, Garrett vai se deixar influenciar por Herder, Schiller, Goethe, além de Byron, Lamartine, Victor Hugo e Walter Scott, cujas idéias estimulantes passam a refletir-se sobre os seus textos, principalmente nas notas críticas publicadas em *O Cronista*. É a época em que se lança à leitura de obras críticas que examinam a perspectiva histórico-nacionalista da criação literária: Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Denis, entre outros antologistas.

De conformidade, agora, com os românticos, o autor de *Viagens na minha terra* passa a conceder ao autor, no ato da escritura, um papel essencial: o de projetar a natureza, transfigurando-a e modificando-lhe a fisionomia real. Altera-se, conseqüentemente, o seu critério de abordagem da obra literária, pois, ao caracterizar a poesia “nacional”, esta deverá revelar o “espírito criador” do poeta, a sua ótica peculiar, a sua maneira de conceber ou pintar a natureza, cuja expressão, ainda, estaria moldada pela tradição e pelo meio.

Embora não tenha desenvolvido em textos teóricos a sua revisão do conceito de verossimilhança, sob a luz das orientações românticas, Garret acaba por assumir posições críticas e tomar liberdades em suas realizações poéticas (vide *Camões e D. Branca*) que bem revelam a modificação ocorrida com seus primeiros critérios. É o momento de escrever em seus apontamentos críticos de *O Cronista*, por exemplo, sobre as diferenças entre a verdade poética (“verdade relativa”) que deve interessar aos autores, e a verdade real (“verdade absoluta”) que só deve interessar aos historiadores. O seu juízo sobre “liberdade poética, a partir de então, se contrapõe a qualquer princípio de autoridade, pois, caberá ao autor encontrar a sua forma mais expressiva de revelar a realidade.

Como se observa, o iniciador do Romantismo português elaborou, na maturidade, uma teoria de literatura fundamentalmente romântica, na medida em que compreende a sua obra artística como um todo poético, organizado intencionalmente pelo autor para desenvolver o seu modo de ver a si mesmo e ao seu tempo. Mesmo assim, vale lembrar que permaneceu neutro nas discussões acaloradas havidas entre autores “românticos” e “clássicos”, na sua época. O fato é que a índole de observador, o humanismo herdado pela formação, a postura de “juiz dos excessos”, cultivada na juventude, ainda perduram diante da nova dimensão do seu senso crítico.

Sem contradizer o seu romantismo, queria Garrett manifestar sua mais característica atitude crítica: o desejo de conciliar as regras clássicas com o espiritualismo moderno veiculado pelos conceitos românticos. Só desse modo podemos compreender como conseguiu integrar, nas suas concepções românticas, os princípios de “verossimilhança” ou de “bela natureza” vistos segundo seus parâmetros de historicidade e de subjetividade. Por isso, a sua idéia de arte passa a ser de “arte documental”, isto é, o escritor deveria manter-se sintonizado com o seu tempo e o seu meio para ser um divulgador de literatura nacional.

2. O exercício do “critério de nacionalidade” em obra crítica

À época em que Garrett lança o seu *Parnaso Lusitano*, em Paris, no ano de 1826, havia uma mobilização no sentido de se

publicarem antologias enriquecidas de apontamentos críticos, atitude esta já tomada por estrangeiros como Sismondi, Bouterweck e Denis. De sua parte, Garrett reservou um lugar para os seus apontamentos, intitulado-o *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*, que precede o seu *Parnaso Lusitano* (Garrett, 1963).

O ensaio apresenta uma “Advertência”, onde o crítico português afirma julgar ter “prestado algum serviço à literatura nacional” ao efetivar o rápido bosquejo, já que, na sua opinião, tanto Bouterweck quanto Sismondi não foram felizes ao tentarem avaliar a história literária de Portugal. O que não se pode deixar de considerar é que à época do *Bosquejo* não existiam, ainda, panorâmicas críticas da história literária portuguesa e as poucas obras que se aventuraram por essas considerações já eram tidas como menores, cheias de lacunas e erros. Portanto, o *Bosquejo* é o primeiro texto a favorecer uma visão um pouco mais aguçada sobre o desenvolvimento da literatura portuguesa.

Garrett começa por afirmar que a língua e a poesia portuguesa nasceram juntas. Revê a formação das primitivas linguagens da Península Ibérica, comenta as semelhanças existentes entre o português e o castelhano – o que sempre confundiu estudiosos estrangeiros – e assinala o início da língua portuguesa com a prática dos trovadores.

A partir de então, estrutura a sua exposição em cinco épocas, sobre as quais passamos a fornecer algumas informações mais significativas, no que concerne ao conceito de nacionalidade.

A *primeira época literária* compreende os fins do século XIII até princípios do século XVI: é o período de D. João I que impulsionou o uso do idioma pátrio nos atos públicos, até então feitos em latim. É o momento de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Vasco de Lobeira. Garrett aproveita para caracterizar o idioma português, propício para o culto do gênero pastoril, em que a “natural suavidade” da língua e sua “melancolia saudosa” se destacavam. Contudo, critica a atitude de os poetas se dedicarem à imitação de autores estrangeiros, atitude desnecessária, já que a natureza característica portuguesa ali se oferecia como tema. Lembra ele que as exceções seriam apenas Camões e Rodrigues Lobo (que pertencem à época posterior), onde ainda se pode ver o Tejo, o Mondego e regiões conhecidas do país. Fiel aos seus conceitos críticos, acrescenta:

porém não se vê descrição que recorde alguns desses sítios que já vimos que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmo populares; que daí vem à poesia o aspecto e feições nacionais que são sua maior beleza.(Garrett, p. 488)

A *segunda época literária*, chamada de “Idade do Ouro da poesia e da língua”, estende-se dos princípios de século XVI aos princípios do século XVII. Sempre tomando como parâmetro as circunstâncias históricas, Garrett traça o painel sócio-cultural desde a morte de D. Manuel às atividades de D. João III, destacando a possibilidade do cultivo das línguas clássicas, o que teria colaborado para o aperfeiçoamento da língua portuguesa. Mas, se de um lado o modo latino e a eufonia grega emprestaram sua solenidade à língua portu- guesa, de outro,

muito pouco ficou para o que era nacional,(...) o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa arqueologia, do aspecto de nosso país, de nossas crenças populares, e enfim de nossa religião.
(Garrett, 1963)

Ainda focalizando esta época, Garret resgata as figuras de Sá de Miranda e Antonio Ferreira, ressaltando-lhes os valores, sem antes deixar de criticar-lhes a imitação dos antigos e a falta de caráter nacional em suas peças e poemas. Contudo, a figura máxima de seus apontamentos é Camões, a quem louva a criação da moderna poesia portuguesa, cuja ousadia no uso da linguagem não deixa de referir. Por fim, faz um sumário de nomes de poetas menores.

A *terceira época literária* faz o percurso do século XVII, período em que, segundo Garrett, “começa a corromper-se o gosto e a declinar a língua”. O crítico português concentra-se na circunstância histórica da perda da independência e nas suas consequências para a cultura portuguesa, com a adoção do castelhano:

Tínhamos perdido a independência; perdemos logo o espírito nacional, o timbre, o amor pátrio (que amor pátrio poderá haver quem pátria já não tem). (1963, p. 496)

Destaca as figuras de Rodrigues Lobo, ressaltando sua poesia bucólica, e de Gabriel Pereira de Castro e Sá de Meneses, não poupando críticas ao gongorismo hiperbólico de suas obras.

Garrett define a *quarta época* como aquela em que “aniquila-se a literatura, corrompe-se a língua”, estendendo-a dos fins do século XVII aos meados do século XVIII. Este é o período em que a independência portuguesa já fora resgatada, mas a influência castelhana ainda se fazia sentir.

É curioso observar como Garrett vê a contribuição do Padre Antonio Vieira e mesmo de um Jacinto Freire para a literatura:

O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido engenho de Vieira, sobretudo, fizeram grande dano à literatura. (1963, p.499)

O crítico português registra o grau de imitação dos autores contemporâneos de Vieira (“imitaram-lhe vícios e virtudes”) que acabou por contribuir para a falta de criatividade e mesmo de empenho daqueles para ombrear com tal representante deste século. E, devido à presença do gongorismo nas letras, compromete-se, inteiramente, a expressão da índole nacional.

Por fim, a *quinta época*, qualificada como o período da “restauração das letras em Portugal”, estendendo-se dos meados até o fim do século XVIII. É a época do reinado de D. José, no qual se regenera a poesia e retorna-se à língua pátria.

O caráter restrito do bosquejo obriga Garrett a limitar-se ao enfoque da poesia, começando por ressaltar a figura de Garção que, a seu ver, dificilmente será igualado no cultivo da ode horaciana; já Antonio Dinis, menos representativo que Garção, destaca-se pelas suas odes anacreônticas, enquanto que um pouco lembrado Quita, cabeleireiro pobre dado a compor poemas, recebe do crítico as mais elogiosas e extremadas observações, sendo apontado como o melhor exemplo da poesia bucólica (tal como Garrett a concebe), a quem não se igualaria nem Virgílio nem Camões.

A esta altura da caracterização da quinta época, Garrett volta-se para o estudo dos poetas brasileiros sem, contudo, examiná-los como fenômeno independente da literatura portuguesa, atitude que logo à frente discutiremos:

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros. (1963, p.503)

O primeiro poeta lembrado pelo crítico como aquele que dá início a esta espécie de vinculação entre as duas nações é Claudio Manoel da Costa: “o Brasil o deve contar seu primeiro poeta e Portugal entre um dos melhores.” (p. 503)

No entanto, é de se notar a observação que faz logo no início, cujo teor vai guiar todas as suas considerações posteriores:

Certo é que as majestosas e novas cenas da Natureza daquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos: e daí lhes vêm uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades. (1963, p. 503)

Na “Advertência” que abre o *Bosquejo*, Garrett deixa o registro de que se trata de um trabalho realizado na juventude. Temos aqui, pois, a oportunidade de resgatar aquelas idéias já expostas sobre o seu “método interpretativo”, onde se agregam a “historicidade do autor” estudado e a “concepção orgânica” da obra. Também temos a oportunidade de antever o que mais tarde, já amadurecida, seria a sua concepção de “arte documental”.

Tais são as providências que toma, de fato, ao dedicar-se à análise dos poetas brasileiros. A atitude de não desvinculá-los da literatura portuguesa é que merece maior atenção e cuidado. Se levarmos em conta que o *Bosquejo* foi escrito entre 1816 e 1821, segundo dados fornecidos pelo próprio Garrett na “Advertência”, e que só no ano seguinte, 1822, o Brasil declararia sua independência política, podemos melhor compreender o fato de o crítico português ainda não reconhecer a produção dos brasileiros como um fenômeno autenticamente nacional. Talvez Garrett não tenha revisto estas apreciações por ocasião da publicação do *Parnaso Lusitano*, em 1826, por ainda registrar a presença de concepções marcadamente européias junto a intelectuais brasileiros da época (“a educação européia apagou-lhes o espírito nacional”).

Considerando esta hipótese, podemos acompanhar-lhe as análises dos autores destacados, com os olhos voltados para a questão do nacionalismo compreendido como um “devir” inevitável.

Sobre José Durão e seu *Caramuru*, adverte:

Que belíssimas coisas da situação da amante brasileira (Mohema), da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros painéis? (...) mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas ainda sublimes. (1963, p. 503)

Já ao focar a obra de Gonzaga, censura-lhe a perda da ocasião de prender-se aos limites da sua cultura:

Explico-me: quisera eu que em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou. (1963, p. 504)

E, sem dúvida, as considerações que se seguem dão a justa medida da sua concepção de nacionalidade que, de maneira expressiva, acabou por nortear os rumos do Romantismo brasileiro, conforme já detectaram críticos como Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Maria Eunice Moreira:

Oh! E quanto perdeu a poesia nesse fatal erro! Se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virgínia de Saint-Pierre, sentar-se à sombra das palmeiras, e enquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a púrpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, – que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu escurro, – ela se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porém de roxos martírios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhara com sua natural graça o ingênuo pincel de Gonzaga! (Garrett, 1963, p. 504)

Caracterizando, ainda, esta quinta época, Garrett se ocupa de José Basílio da Gama e o seu “moderno poema” *Uruguai*. Ressalta-

lhe o caráter nacional que nenhum dos seus pares atingiu, entrevisto na descrição das cenas naturais, nos versos muito bem construídos, embora transpareçam algumas incorreções no estilo e algumas repetições desnecessárias:

Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. (1963, p. 504)

Há espaço, ainda, para tecer comentários sobre Antonio José e seu teatro, salientando o tema eminentemente português da peça *Alecrim e Manjerona*.

Terminado o julgamento das cinco épocas da literatura portuguesa, Garrett ainda se estende em largos comentários sobre a “galomania” e o efeito nefasto das traduções sobre a inapetência dos autores nacionais de suplantarem os estrangeiros com novas produções. Trata-se da sétima parte do seu ensaio, intitulada “Época, segunda decadência da língua e literatura; galicismo e traduções”, onde Garrett se debruça sobre autores influenciados pelo Barroco e pelo francesismo e que, curiosamente, parece colocar à margem das periodizações já descritas. Destaca, principalmente, os poetas Francisco Manoel e Bocage, observando que, apesar da formação clássica, “não tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo jugo da imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo” (1963, p. 506).

De alguma forma, é este conceito de “trilho novo”, desvinculado, portanto, dos parâmetros clássicos que vai orientar as suas reflexões em torno de uma série de nomes que passa a enfileirar, procedimento este muito comum nos “bosquejos” de então: João Batista Gomes, autor da *Castro*, que considera o melhor trágico português; Domingos Maximiano Torres; Antonio Ribeiro dos Santos; Frei José do Coração de Jesus; Nicolau Tolentino, o poeta “eminentemente nacional no seu gênero”; José Anastácio da Cunha; Padre Caldas, brasileiro, “um dos melhores líricos modernos”; J. M. da Costa e Silva; J. A. de Macedo; José Feliciano de Castilho, então jovem e promissor poeta, além de outros nomes de poetas menores.

Garrett encerra o seu *Bosquejo* afirmando que, até aquele momento, a literatura portuguesa se ressentia da falta de grandes nomes, mas que há promessas de novas luzes e nova fase promissora.

Ao lançarmos um olhar sobre toda a análise empreendida, vamos notar que, mesmo afeito às concepções contemporâneas de um Romantismo nascente, Garrett não deixou de se curvar à apreciação do conjunto de traços clássicos presentes nos autores citados, fiel aos seus padrões de estética literária. Lembremos a importância que confere a autores como Bocage e aos poetas árcades brasileiros. Contudo, observamos também uma sutil tendência para louvar nesses mesmos autores, o culto ao sentimento nacional que, não obstante de forma velada em alguns momentos, atravessou o conjunto das idéias expostas.

BOBERG, H. T. R. Almeida Garrett and his *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portuguesa*: an exercise in literary criticism. *Miscelânea*, Assis, 2:55–66, 1995.

ABSTRACT: The article aims to put in context the critical posture assumed by Almeida Garrett – a little known facet of the writer – a facet that was pioneer in the period of formation of the concepts of criticism in 19th Century Portuguese Literature. It also approaches *Bosquejo da história da poesia e da língua portuguesa* as an exercise of literary criticism, pointing out the application of the criteria of “nationality” and “documental art” coined by the Portuguese novelist. KEYWORDS: Almeida Garrett; Literary Criticism; Portuguese Literature.

Referências bibliográficas:

GARRETT, A. *Obras*. Porto: Lello e Irmão Editores, 1963.
MONTEIRO, O. M. C. P. *A formação de Almeida Garrett*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos/Atlântida Editora, 1971.

Bibliografia consultada:

AMORA, A. S. *História da literatura brasileira – Séculos XVI – XX*. São Paulo: Saraiva, 1960.
CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, v. 1 e 2.
CASTELLO, J. A. *A literatura brasileira – Manifestações literárias da era colonial*. São Paulo: Cultrix, 1962. v. I.
COELHO, J. do P. *A letra e o leitor*. 2. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
COUTINHO, A. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

- MOREIRA, M. E. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- SARAIVA, A. J. *Para a história da cultura em Portugal*. 2. ed. Porto: Publicações Europa-América, 1967.
- ZILBERMAN, R. Administrando a literatura por meio da história: Ferdinand Denis, Almeida Garrett e a literatura brasileira. *Letras de Hoje*. v. 25, Porto Alegre, 1990.